

NATURE'S METROPOLIS E A ECOLOGIA POLÍTICA

Ana Maria de Souza Mello Bicalho¹
Scott William Hoefle²

O livro *Nature's Metropolis* de William Cronon, analisando a posição central de Chicago na ocupação da fronteira americana, representa um marco na consolidação do novo paradigma científico da Ecologia Política. O autor utiliza-se de um enfoque multi-disciplinar, sintetizando correntes de pensamento anteriores de cunho ambientalista, marxista e pós-modernista. O livro expressa em si, tanto as vantagens quanto as desvantagens da síntese de abordagens críticas tão divergentes num paradigma único holista.

ECOLOGIA POLÍTICA

A Ecologia Política configura-se como um novo paradigma científico da atualidade a partir da convergência de questões específicas do Ambientalismo, Marxismo e Pós-modernismo. Representa, ainda, o re-estabelecimento de nova meta-teoria modernista, após cerca de trinta anos da prevalência de sintagmas críticos tanto das Ciências Naturais quanto das Ciências Sociais, emergidos a partir de 1967 e em oposição ao paradigma modernista estruturalista da época (1). Em meados de 1980, as várias correntes críticas, outrora mutuamente divergentes, se aproximam, tendo como cerne comum questões de base ecológica (Figura 1).

Do Ambientalismo Neo-populista e Radical, a Ecologia Política incorpora a forte preocupação com a degradação do ambiente natural e seus recursos, defrontando-se com revisões filosóficas críticas à ideologia e visão do mundo urbana-industrial, de controle da natureza, e às ações pragmáticas associadas a elas. Questionamentos estes que tornam-se base às pressões e ações políticas de movimentos sociais e entidades não-governamentais no que se refere a forma de apropriação e exploração dos recursos naturais. Preocupações que passam do nível local ao global, enfocando-se problemas ambientais em diferentes escalas

¹ Departamento de Geografia, UFRJ.

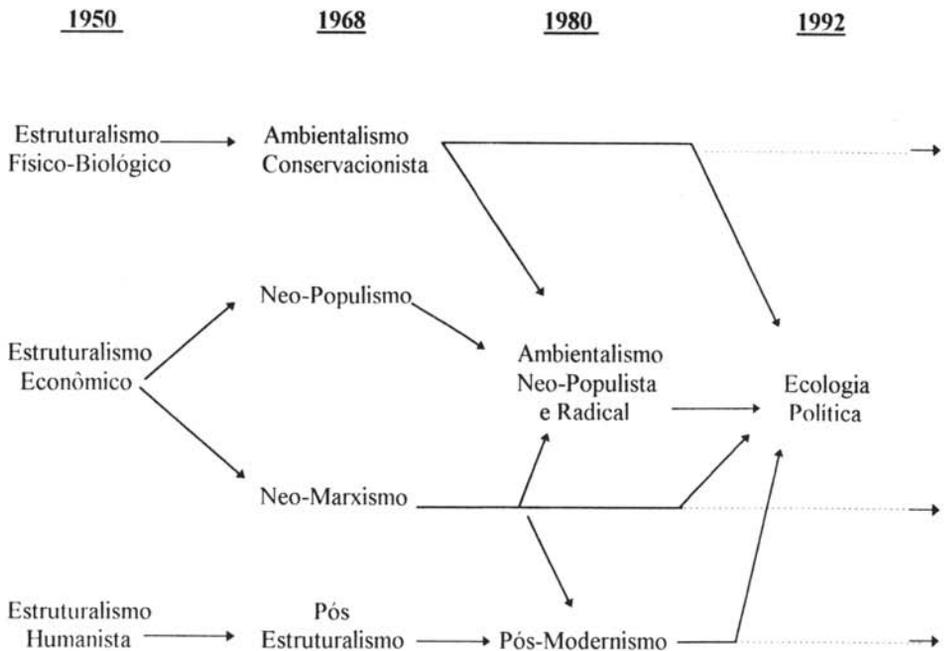
² Departamento de Geografia e Meio Ambiente, PUC-Rio / Apoio CNPq

(Adams, 1990, Atkinson 1992, Bayliss-Smith e Owens 1994, Chambers e Conway 1992, Merchant, 1992, Wilson 1992).

Provém do Marxismo o método analítico histórico conjugado ao tema dos processos da expansão e transformação do sistema capitalista em escala mundial, abrangendo dimensões econômicas e sócio-políticas pouco enfatizadas no ambientalismo, particularmente o interrelacionamento entre empresas e o Estado (Redclift e Goodman 1991, Martinez-Alier 1991, Pepper 1993 1996, Redclift 1984, 1987).

Finalmente, do Pós-modernismo vem o interesse pela diferenciação cultural das sociedades e de suas minorias, sobrepondo-se aos padrões sociais delineados exclusivamente por indicadores econômicos e de classe. Há uma ênfase nas ações e percepções de paisagens naturais e humanas segundo distinções de gênero, grupo etário e grupo étnico (Cosgrove 1984, 1988, 1990, Gare 1995, McDowell 1994, Simmons 1993).

Figura 1-PARADIGMAS E SINTAGMAS PÓS-MODERNISTAS A PARTIR DE 1950



NATURE'S METROPOLIS COMO EXEMPLO DA ECOLOGIA POLÍTICA

A originalidade do trabalho de Cronon ao analisar a fronteira norte-americana está na incorporação, numa síntese histórica, de diferentes enfoques, tratando, ao mesmo tempo, de processos demográfico-ecológicos, político-econômicos e ideológico-culturais.

Contudo, Nature's Metropolis representa uma volta à história linear ocidental, sobressaindo o colonizador mercantilista na construção da paisagem capitalista do Meio Oeste Americano. Menor atenção é dada a sistemas alternativos de uso da terra na história da sociedade local, envolvendo indígenas, posseiros, comunidades religiosas, etc., atuantes no mesmo espaço e que igualmente contribuíram para a configuração da paisagem americana (2).

Neste sentido, Cronon afastou-se de seu trabalho anterior sobre a colonização da Nova Inglaterra no mesmo país, no qual assumiu uma abordagem equilibrada, tratando a percepção do ambiente do indígena e do colonizador e o sincretismo cultural de ambos (Cronon 1983).

Em Nature's Metropolis fica clara a importância de Chicago na incorporação da fronteira americana, como também no desenvolvimento capitalista do país. Graças à sua posição central, localizando-se no ponto de contato de três grandes zonas ecológicas do Meio-Oeste, contendo as duas mais importantes bacias fluviais navegáveis do país, a do rio Mississippi e a do rio São Loureço, e no principal entroncamento leste-oeste do sistema ferroviário norte-americano, Chicago intermediou o desenvolvimento de metade do continente, crescendo de uma pequena aldeia em 1830 à segunda cidade industrial do país em apenas 60 anos.

Acrescentando a dimensão ambiental à história econômica, Cronon relaciona a diferenciação ecológica aos processos de ocupação e povoamento, ambos responsáveis pela forma da colonização do Meio-Oeste e pelo surgimento de diferentes sistemas de uso da terra, especializados e complementares. Ao norte, de Chicago, desenvolveu-se um complexo madeireiro com a exploração de floresta de coníferas, fornecendo às serrarias de Chicago, madeiras macias, fáceis de serem trabalhadas, para a construção civil rural e urbana e fins industriais. Ao sul e a leste, instalou-se nos ricos e profundos solos de "loess" uma agricultura intensiva, associando a lavoura do milho à suinocultura. As pradarias, a oeste, especializaram-se na lavoura do trigo e do milho, conquistando o mercado mundial de grãos, via entrepostos de Chicago. As ferrovias permitiram o acesso a zonas de criatório bovino mais distantes,

abastecendo os frigoríficos sediados em Chicago, responsáveis pelo fornecimento de carne para os grandes mercados consumidores do leste.

Para Chicago, convergiu a produção dessa vasta e diversificada hinterlândia onde era beneficiada e distribuída. Cada complexo produtivo em zonas especializadas é objeto de um capítulo separado no livro, preocupando-se o autor, em detalhar e relacionar os processos de formação dos recursos naturais e as transformações ecológicas, econômicas e sociais que ocorrem no campo e na cidade em cada uma daquelas zonas de produção. No final do seu trabalho, Cronon reúne várias facetas deste quadro, interpretando como Chicago veio a se tornar a metrópole típica do capitalismo de sua época, comparando-a ao mesmo papel de Manchester em período anterior e ao de Los Angeles e Tóquio em fases posteriores do capitalismo (3).

DE SINTAGMAS PÓS-MODERNISTAS À ECOLOGIA POLÍTICA MODERNISTA

As implicações teóricas do *Nature's Metropolis*, como exemplo de uma nova abordagem capaz de unir as Ciências Naturais e Humanas, são de tal expressão, que levaram os editores da revista *Antipode* a dedicarem todo um número especial, o vol. 26, no. 2, 1994, ao debate deste livro. Neste, os vários autores são unânimes em elogiar a originalidade e o escopo do trabalho de Cronon. Apesar disso, suas críticas são duras e variam de acordo com a especialidade de cada um, o que no conjunto demonstra a dificuldade de se unir diferentes interpretações em um só livro, mesmo que este estenda-se por 530 páginas.

A ecologista radical Merchant (1994) critica Cronon por tratar os sistemas ecológicos exclusivamente pelo ponto de vista do uso humano e neste abordar apenas o colonizador devastador. O pós-modernista Pred (1994) ressentido da falta de outras vozes, que participam da mesma história.

Marxistas como o historiador econômico Faragher (1992), por sua vez, sentem em Cronon um romantismo ambiental no sentido de lamentar as modificações ecológicas que foram promovidas para a instalação dos diferentes sistemas produtivos e a ascendência de Chicago. Aponta que esta ocupação permitiu a produção de grandes quantidades de alimentos a baixo custo, refletindo numa melhoria do padrão de vida da grande massa do operariado. Page e Walker (1994) e Saunders e Marton (1994) observam que a análise de Cronon dos

fluxos de capital se limita à história da elite composta por industriais, comerciantes e especuladores, ignorando a história da massa dos agricultores e operários.

Da mesma forma, outros reclamam por mais história urbana. Scranton (1994) gostaria de ter visto um tratamento da indústria pesada de Chicago, que era mais importante do que a agro-indústria. As críticas de Holdsworth (1994) são direcionadas à ausência das atividades financeiras que não são diretamente ligadas à agro-indústria. De uma maneira geral, todos gostariam de ver maiores informações estatísticas e figuras cartográficas comprovando e ilustrando os fluxos demográficos e econômicos.

A estas críticas, pode ser acrescentada a de que a dimensão política é pouco desenvolvida em Nature's Metropolis. Há referências ao Estado incentivando a realização de obras de infra-estrutura que facilitou a colonização e o movimento de mercadorias, mas isso é muito aquém da importância atribuída a esta dimensão na Ecologia Política. Na verdade, as histórias marxistas de Vogeler (1982) e Post (1995) tratam melhor os processos políticos, focando o estreito relacionamento entre o Estado e especuladores e os movimentos e revoltas de pequenos agricultores e artesões resistindo àqueles agentes durante a ocupação do Meio-Oeste.

Cronon, prevendo críticas desta natureza, de ante mão, se defende no prefácio do próprio livro e, após, em seu artigo resposta aos críticos, no mesmo número especial do periódico Antipode. Sustenta que seu estudo de caso tem como objetivo o relacionamento entre Chicago e a fronteira americana, sendo seu interesse o intercâmbio urbano-rural, através de fluxos de mercadorias e das transformações mútuas nas relações campo-cidade sob o ponto de vista ambiental, tecnológico e social. Sua intenção não era elaborar uma teoria geral de processos de urbanização, mudança regional, industrialização, nem sobre as dinâmicas internas do capitalismo.

De fato, a primeira reação de Cronon (1994) ao analisar as várias resenhas foi de ponderar como teria sido o tom dos críticos se os mesmo não tivessem gostado de seu livro. A isso, Walker (1994) responde que a reação teria sido o silêncio, pois, é justamente um trabalho original que gera debate.

O excesso de criticismo, a que Cronon alude, pode ser interpretado como um comportamento intelectual típico de períodos polêmicos em que se delineiam as primeiras

sínteses dos diferentes sintagmas correntes, à procura do estabelecimento de um novo paradigma que domina a fase subsequente.

O trabalho de Cronon é apreciado entre diferentes especialistas por seu espírito transdisciplinar e as críticas que lhe são dirigidas decorrem das dificuldades e limitações da abordagem holista. É impossível incluir detalhes suficientes para satisfazer o particularismo dos diferentes sintagmas. Seu trabalho expressa o momento científico de transição que vivemos da passagem dos particularismos para proposições gerais.

NOTAS

1. Veja Hassan (citado em Harvey 1989: 43) para a diferença conceitual entre paradigmas modernistas e sintagmas pós-modernistas.
2. Dirija-se a Heilbroner (1967), Post (1995), Sauer (1975) e Vogeler (1982) para diferentes histórias do Meio Oeste Americano.
3. No mesmo período, São Francisco desempenhou um papel semelhante ao de Chicago para a Costa Pacífica e a Zona das Rochosas nos Estados Unidos e Canadá (Brechim, citado em Page e Walker 1994).

REFERÊNCIAS

- ADAMS, W. M. Green Development. London, Routledge, 1990.
- ATKINSON, A. Principles of Political Ecology. London, Belhaven, 1992.
- BAYLISS-SMITH, T. e S. OWENS. The Environmental Challenge. In, Human Geography, D. Gregory, R. Martin e G. Smith (eds.), p. 113-145. London, MacMillan, 1994.
- CHAMBERS, R. e G.R. CONWAY. Sustainable Rural Livelihoods. IDS Discussion Paper no. 311, 1992.
- COSGROVE, D.E. Social Formation and Symbolic Landscape. London, Croom Helm, 1984.
- . (ed.). Iconography of Landscape. Cambridge, Cambridge University Press, 1988.
- . Environmental Thought and Action. Transactions of the Institute of British Geographers 15(4), 344-358, 1990.
- CRONON, W. Changes in the Land. New York, Hill & Wang, 1983.
- . Nature's Metropolis. New York, Norton, 1991.

- On Totalizing and Turgidity. Antipode 26(2), 166-176, 1994.
- FARAGHER, J.M. Gunslingers and Bureaucrats. New Republic 206(50), 29-36, 1992.
- GARE, A. Postmodernism and the Environmental Crisis. London, Routledge, 1995.
- GOODMAN, D. e M. REDCLIFT. Refashioning Nature. London, Routledge, 1991.
- HARVEY, D. The Condition of Postmodernity. Oxford, Blackwell, 1989.
- HEILBRONER, R. The Worldly Philosophers. New York, Clarion, 1967.
- HOLDSWORTH, D.W. The Invisible Skyline. Antipode 26(2), 141-46, 1994.
- MacDOWELL, L. The Transformation of Cultural Geography. In Human Geography, D. Gregory, R. Martin e G. Smith (eds.), p. 146-173. London, MacMillian, 1994.
- MARTINEZ-ALIER, J. Ecological Economics. Oxford, Blackwell, 1991.
- MERCHANT, C. Radical Ecology. London, Routledge, 1992.
- William Cronon's Nature's Metropolis. Antipode 26(2), 135-140, 1994.
- PAGE, B. e R. WALKER. Nature's Metropolis: The Ghost Dance of Christaller and von Thünen. Antipode 26(2), 152-62, 1994.
- PEPPER, D. Eco-Socialism: From Deep Ecology to Social Justice. London, Routedge, 1993.
- An Introduction to Modern Environmentalism. London, Routledge, 1996.
- POST, C. The Agrarian Origins of U.S. Capitalism. Journal of Peasant Studies 22(3), 389-445, 1995.
- PRED, A. Sounds and Silences, or the Author's Voice and Voices Squelched. Antipode 26(2), 147-151, 1994.
- REDCLIFT, M. Development and the Environmental Crisis. London, Metheun, 1984.
- Sustainable Development. London, Metheun, 1987.
- SAUNDER, R.H. e S.A. MARSTON. Review of William Cronon's Nature's Metropolis. Antipode, 26(2), 126-29, 1994.
- SAUER, C.O. Seventeenth Century North America. Berkeley, Turtle Island, 1975.

- SCRANTON, P. Commerce and Manufacturing in Nature's Metropolis. Antipode 26(2), 126-29, 1994.
- SIMMONS, I.G. Interpreting Nature. London, Routledge, 1993.
- SIMMONS, I.G. e N.J. COX. Holistic and Reductionist Approaches to Geography. In, The Future of Geography, R.J. Johnston (ed.), p. 43-58. London, Methuen, 1985.
- VOGELER, I. The Myth of the Family Farm. Boulder, Westview Press, 1982.
- WALKER, R. Editor's Introduction. Antipode 26(2), 113-15, 1994.
- WILSON, A. The Culture of Nature. Oxford, Blackwell, 1992.